

Reseña

Eckert, Cornelia. (2012) Memória e trabalho: etnografia da duração de uma comunidade de mineiros do carvão (La Grand-Combe, França) Curitiba: Appris

Guillermo Stefano Rosa Gómez*

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
guillermorosagomez@gmail.com

O livro “Memória e trabalho: etnografia da duração de uma comunidade de mineiros do carvão (La Grand-Combe, França)”, publicado em 2012 e de autoria de Cornelia Eckert é uma versão compacta de “*Une ville autrefois minière: La Grand-Combe: Etude d’Anthropologie Sociale*”¹ tese defendida em 1992 na

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Antropologia Social pela UFRGS. Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Bolsista CAPES.

¹ Logo de início, é importante destacar o quanto que essa readequação do título nos faz conhecer do percurso intelectual da autora e de seu próprio (re)pensar sobre a obra. A primeira característica que se deve notar é a inclusão do termo “etnografia da duração”, ausente no título anterior e fio condutor dessa reapresentação da tese. A Etnografia da Duração (Eckert & Rocha, 2013) é uma postura teórico-metodológica proposta por Cornelia em conjunto com Ana Luiza Carvalho da Rocha, também pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS (PPGAS/UFRGS). Tem como pressuposto “interpretar as metrópoles contemporâneas por meio dos subterfúgios e astúcias de seus habitantes – modelados, em suas narrativas, segundo suas diferenças e diversidades” (Eckert & Rocha 2013: 24). Assim, considero que esse novo título demonstra o reconhecimento

Sorbonne, Paris V na Universidade René Descartes e orientada por Jacques Gutwirth e Anthoine Prost.

Cornelia é professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS) e há quase três décadas coordena o Núcleo de Antropologia Visual (Navisual). Coordena também, em conjunto com Ana Luiza Carvalho da Rocha o projeto de pesquisa Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV), criado em 1997, que forma pesquisadores/as na interface de investigações do urbano, da imagem e da memória.

A aproximação da autora com o tema do valor trabalho no contexto de comunidades de mineiros de carvão já tinha se estabelecido desde a época de seu mestrado, sob a orientação de Ruben Oliven no PPGAS/UFRGS, quando investigou, no período de 1983 a 1985, as cidades sul-brasileiras de Charqueadas e Arroio dos Ratos, que integraram a região carbonífera do Rio Grande do Sul (Eckert, 1988). Portanto, a aproximação de Cornelia com a Antropologia Urbana, tanto no mestrado como no doutorado, se deu pelo enfoque em cidades constituídas pelo trabalho industrial em momentos que esta “vocação” entrava em declínio.

2 

Para além de enumerar ponto a ponto os elementos que compõem “Memória e Trabalho”, recorrerei a seu conteúdo para argumentar que esta obra deve ser considerada uma leitura clássica no campo da Antropologia do Trabalho, integrando aquele conjunto de livros que “temos de ter em nossas bibliotecas” (Cf. Peirano, 2014: 383). Acompanhando Mariza Peirano, indico que uma boa monografia é aquela que é tanto etnografia como teoria (Peirano, 2014: 383), crescendo em importância na história da disciplina mesmo estando distante em termos contextuais, temporais e políticos. Nesse sentido, considero a tese de Eckert uma contribuição “teórico-etnográfica” (idem, ibidem) para o que convém chamar de Etnografia da Crise e, especialmente, porque ali já se percebe o germe do que seria aprimorado posteriormente, na consolidação da Etnografia da Duração, importante proposição no trajeto intelectual da autora (Eckert & Rocha, 2000).

de que em “*Une ville autrefois minière*” já estavam colocadas as bases para as reflexões que seriam desenvolvidas e amadurecidas posteriormente, especialmente com as influências do conceito de imaginário em Gilbert Durand (2002) e da longa trajetória da autora no protagonismo do processo de consolidação da Antropologia Visual e da Imagem no Brasil.

“Memória e Trabalho” relata sobre uma densa experiência de pesquisa, realizada na cidade mineira de La Grand Combe. No período de 1987 a 1991, Cornelia conviveu com a última geração de mineiros de carvão de extração tradicional, já passados trinta anos do fechamento das minas (Eckert, 2012: 68). Sua escrita combina etnografia, imagem, pesquisa bibliográfica histórica, diálogos com a bibliografia teórica e literária francesa e suas vivências etnográficas na vila mineira, localizada na região sul da França.

O estudo antropológico do tempo, parte significativa da contribuição de Cornelia para antropologia, guia a organização do livro. É o reconhecimento das diferentes *rítmicas temporais* da comunidade mineira de La Grand-Combe que faz surgir na escrita temporalidades distintas, construídas narrativamente tanto a partir dos dados históricos e bibliográficos como das vivências e experiências da pesquisadora junto aos seus interlocutores/as, mineiros aposentados, suas famílias e um grande conjunto de habitantes da pequena cidade.

“O tempo da companhia” evidencia a influência de uma grande empresa e seu papel como criadora da vila mineira, providenciando residência para os trabalhadores, mantendo uma política de adestramento da mão de obra e tecendo a idéia de organização do trabalho enquanto uma “família corporativa” (idem: 37). Estes mecanismos, claramente paternalistas em um primeiro olhar, foram basilares para a profunda identificação dos trabalhadores com o *modo de vida mineiro*. Assim, as identidades eram fundamentadas em torno do trabalho da mina e havia uma centralização dos projetos familiares ao redor dessa atividade econômica que moldava os ritmos da sociabilidade e as próprias disposições do tecido urbano.

Figura 1. Cartão postal de La Grand Combe. O mineiro como “patrimônio”.



Os “tempos da nacionalização” situam a inserção do trabalho mineiro em um projeto político nacional e modernizador. Na década de 1960, os planos nacionais de “modernização do trabalho mineiro” resultaram no fechamento sistemático das indústrias tradicionais e conseqüentemente “na morte da profissão” (Eckert, 2012: 58). Ao mesmo tempo e quase que por contraste irônico, o mineiro era eleito um símbolo e modelo do operário nacional no imaginário da exaltação patriótica. As identidades locais, profundamente conectadas com o trabalho na mina, se transformavam em identidades regionais e careciam de reatualização.

Seguem-se os “tempos de crise”. O fechamento e dinamitação dos poços de extração se apresentaram como fortes signos do refluxo econômico da entrada dos anos 1970:

A mina desapareceu e com ela os espaços de referência identitária. Modificou-se toda a trama cotidiana de existência, o tecido urbano foi deslocado, o corpo social desintegrado: “é o fim do mundo da mina”, é igualmente a desestruturação da

comunidade de mineiros, porque “a profissão não existe mais, a não ser nas deformidades que secretaram a morte da mina: os mineiros aposentados, o patrimônio mineiro, a memória “do” social (Eckert, 2012: 63-64).

As imagens predominantes são as da ruptura, dos devaneios, dos rumores, da desfiliação sindical. No presente etnográfico, Eckert vivenciou os desdobramentos de uma “crise que se alastrou por todos os domínios da vida cotidiana na vila mineira” (idem: 60). Se esgotaram os projetos de continuidade da profissão por parte da juventude, que migrava para fora da cidade de La-Grand Combe, dado que o trabalho mineiro, até então quase uma “herança familiar”, se esvanecia.

A crise, na obra de Eckert (2012),² é concebida enquanto um fenômeno temporal, justamente por efetivar uma desordem no tempo para aquela comunidade de trabalho. Ela se apresenta como um momento e como um processo de “ruptura dramática” (idem: 64) dos mecanismos de sustentação da vila mineira. Conforme o fim daquela atividade produtiva se agravava, também se degradavam as formas de sociabilidade e os equipamentos urbanos.

No período do trabalho de campo, a autora percebeu as interposições de temporalidades articuladas no “tempo do narrar” dos aposentados e demais moradores da vila mineira. Aquele núcleo urbano havia sido radicalmente transformado: a rítmica de vida regida pelo trabalho operário mineiro se transformou no cotidiano de uma vila “letárgica” (idem: 74), com a predominância de uma população envelhecida. Neste cenário, sua opção foi evidenciar as estratégias dos/as moradores/as e trabalhadores/as de ritmar a

² O conceito de crise tem longa tradição. A crise é um momento até mesmo já esperado, apesar de devastador, devido ao que se chama de natureza cíclica das revoluções das formas produtivas e suas sucessões. Schumpeter centralizou esta característica no conceito de *destruição criativa*, “processo que consiste, para o capital e seus detentores, em destruir constantemente as antigas formas de produção e de troca para substituí-las por formas mais “inovadoras”, isto é, ao mesmo tempo tecnicamente mais eficazes e financeiramente mais rentáveis” (Dubar, 2009: 119). A crise é que dá o sentido à construção do capitalismo, o ocidente se move pela idéia da crise do sistema capitalista. Acompanhar esta contradição dialética inscreve a pesquisa de Eckert no que se pode considerar uma Antropologia dos “processos”, como ensina Norbert Elias (1994). Como afirmam Cornelia e Ana no primeiro capítulo de seu livro dedicado às etnografias do trabalho e do tempo (Eckert & Rocha, 2015: 31), interessa investigar o “ciclo de mutilações e renascimento das formas de vida social” em seus diferentes matizes.

vida cotidiana -frente às discontinuidades- reconhecendo as práticas e narrativas daquela comunidade de trabalho (idem: 90), em suas lógicas de durar no tempo (Bachelard, 1988).

Figura 2. Resiliências mineiras. Alès, 1988.



Fotografia de Cornelia Eckert

Como abordar etnograficamente tão vastas e dramáticas rupturas de um modelo produtivo que organizava o próprio ritmo de vida daquela comunidade? Este é um dos importantes ensinamentos da monografia de Cornelia Eckert. Ao afirmar que “os “tempos de crise” não são vazios de significado” (Eckert, 2012: 112) sua obra dá vigor às ações imaginantes da comunidade mineira em seu engajamento pela memória coletiva e se afasta de outras investigações em contextos semelhantes (demissões, “fim” da profissão, fechamento de plantas industriais, etc.) que enfatizam apenas os aspectos brutais da experiência humana e ignoram os valores e os sentimentos. (Cf. Ortner, 2016)

O olhar antropológico de Cornelia vai não só para as “ruínas do mundo do carvão” (Eckert, 2012: 69), apesar de incluí-las. Sua narrativa etnográfica passou a compreender como os/as habitantes “reinventam o mundo”, abalado pela ruptura com o trabalho. Enfocou a vida associativa (idem: 79), o lazer do jogo de bocha e da troca de informações na feira, enfim, as diversas iniciativas de “recompor a vida coletiva” (idem: 80). A capacidade de interpretar a “dialética da continuidade e da descontinuidade” (idem: 84) da comunidade mineira de La Grand-Combe é o que torna esta obra tão especial e um clássico da Antropologia do Trabalho, mostrando uma abordagem sensível ao tempo e a imagem, tratados como conceitos fundamentais para o fazer e o pensar antropológico. Em suma, recupera os esforços de trabalhadores e habitantes em seu engajamento para durar, frente às “devastações da matéria precíval do tempo” (Eckert& Rocha, 2013: 83).

Referências

- Bachelard, G. (1988) *A dialética da duração*. São Paulo: Ática
- Dubar, C. (2009) *A crise das identidades: interpretação de uma mutação*. São Paulo: Edusp.
- Durand, G. (2002) *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes.
- Eckert, C. (2012) *Memória e trabalho: etnografia da duração de uma comunidade de mineiros do carvão (La Grand-Combe, França)* Curitiba: Appris
- Eckert, C.(1988) Os homens da mina. *Revista Ciência Hoje* 7 (41), 36-42.
- Eckert, C. & Rocha, A. L. C (2000). Imagens do tempo nos meandros da memória: por uma etnografia da duração. *Iluminuras* 1(1): 2-14. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/8928>
- Eckert, C. & Rocha, A.L.C. (2013). *Etnografia da duração*. Porto Alegre: Marcavísal.
- Eckert, C, & Rocha, A.L.C. (2015). *Etnografia do trabalho, narrativas do tempo*. Porto Alegre: Marcavísal.
- Elias, N. (1994) *A Sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro Jorge Zahar.
- Ortner, S. B. (2016). Dark anthropology and its others theory since the eighties. *Hau - Journal of Ethnographic Theory* 6 (1). Disponível em: <https://www.haujournal.org/index.php/hau/article/view/hau6.1.004>
- Peirano, M. (2014) Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos* 20 (42), 377-391. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v20n42/15.pdf>